

O que querem (e o que podem) os jovens tradutores de Latim

Brunno V. G. Vieira*

RESUMO: O ensino do Latim, que, no Brasil, existe quase exclusivamente no ensino universitário, tem como desafio introduzir os alunos em poucos anos de estudo a uma língua difícil e a uma literatura milenar que se mantiveram influentes ao longo dos séculos. Ao estudante, o caminho mais usual de aprendizagem reside na tradução de textos latinos em vernáculo e, quase sempre, é uma empreitada tradutória latino-portuguesa que lhe garante a continuidade de estudo nos níveis de Pós-Graduação. Essa prática didático-pedagógica tem resultado em inúmeros trabalhos de tradução de obras latinas, facilitando e favorecendo o acesso da comunidade leitora lusófona a uma renovada Antiguidade. Com o objetivo de fornecer um panorama das práticas desses jovens tradutores, abordarei neste artigo duas dissertações de mestrado de diferentes instituições brasileiras, procurando apontar abordagens tradutórias que florescem e vicejam nos trabalhos de nossos estudantes.

Palavras-chave: ensino; tradução; pós-graduação; Brasil.

A tradução: diacronia e sincronia

Cícero, naquele texto em que contém suas ideias tradutórias, o *De optimo genere oratorum*, apresenta sua tradução latina dos discursos gregos de Ésquino e Demóstenes como um testemunho do que seria “falar ao modo ático” (*Attice dicere*) em latim. Cícero, então, traduz dois dos mais notáveis discursos helênicos de oratória para ensinar como discursar notavelmente em latim. A justificativa para tanto é didática, diz o arpinate: *putavi mihi suscipiendum laborem utilem studiosis, mihi quidem ipsi non necessarium*, “julguei que deveria ser por mim empreendido um trabalho útil aos estudantes, para mim mesmo não necessário” (Cic. *Opt. Gen.* 13).

Fluente em língua grega, Cícero não demora a dizer que o seu trabalho tradutório ou seu esforço por traduzir (*laborem*) não é útil (*utilem*) para ele, mas sim para os “estudantes” (*studiosis*), ou seja, para aqueles que se esforçam para dominar a literatura e a retórica (OLD, *studiosus*, 2a). No contexto específico desse prefácio que é o *De optimo genere*, a tradução ciceroniana, hoje perdida, intentava servir de modelo do que fosse “aticismo”. Cícero se preocupava com as versões do discurso ático que estavam fazendo certos oradores romanos denominados “neoáticos” e procurava, em contrapartida, dar sua versão latina do aticismo.

O projeto tradutório ciceroniano estabelece de saída a utilidade (ou mesmo a necessidade) do texto de chegada, como também seu público e o *status* do tradutor nesse processo. Tomo desse antigo testemunho sobre tradução – já diversamente abordados por mim em outros momentos (AUTOR, 2006; AUTOR, 2011) – dois pontos

* Doutorado em Estudos Literários. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. Professor Assistente Doutor MS-3.2, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

para introduzir meu tema e para definir, pelo contraponto, o entendimento sobre tradução que me interessa aqui.

Para Cícero:

- 1) O tradutor não traduz para si mesmo, porque ele já tem conhecimento plenipotenciário da língua que traduz;
- 2) Ao traduzir, o tradutor oferece a sua versão do texto literário como ele julga dever ser lido no texto de partida.

A tradução para Cícero é um *fin*, seja para servir de material de estudo para leitores/rétores, seja para instauração de um modo de dizer em sua língua, tanto que ele pouco mais à frente situa esse seu “eu discursivo” como *orator* (*Opt. Gen.* 14) – ele o mais renomado dentre os oradores romanos – e qualifica sua tradução como *regula* (*Opt. Gen.* 19), paradigma discursivo em latim a ser seguido – ele o modelo da prosa latina clássica.

Esse *status* que a tradução tem para Cícero *difere* daquele de que tratarei aqui. Dilatando um pouco o *stricto sensu* dessas palavras e mudando o que deve ser mudado na transposição dessas ideias para o presente contexto, gostaria de refletir sobre traduções que são um *meio* para aprender Latim e, mais propriamente, um meio para se obter o grau de mestre ou doutor, fundamental para aqueles que pretendem ser professores de Latim.

O ensino do Latim, que, no Brasil, existe quase exclusivamente no nível universitário, tem como desafio introduzir os alunos em poucos anos de estudo a uma língua difícil e a uma literatura milenar que se mantiveram influentes ao longo dos séculos. Ao estudante, o caminho mais usual de aprendizagem reside na tradução de textos latinos em vernáculo e, quase sempre, é uma empreitada tradutória latino-portuguesa que lhe garante a continuidade de estudo nos níveis de Pós-Graduação e, se assim lhe aprouver, o ingresso no magistério desse idioma antigo.

Tudo agora é mais provisório e experimental. Mais do que “um trabalho útil aos estudantes”, a tradução neste nosso contexto se constitui um trabalho útil de estudantes. Transformam-se, assim, aqueles dois pontos pinçados do pensamento de Cícero nestes itens *translatos*:

- 1') O tradutor traduz também para ele, porque ele está desenvolvendo o conhecimento da língua que traduz;
- 2') Ao traduzir, o tradutor oferece uma primeira versão daquilo que ele é capaz de ler no texto de partida, refletindo inevitavelmente os percursos de sua formação e do lugar em que ocupa dentro da tradição interpretativa dos textos clássicos.

O *orator* ou o *poeta* da Antiguidade, geralmente um abonado aristocrata¹ com uma longa e árdua educação retórico-poética – de que nos dá sincero exemplo Horácio

¹ Sobre o caráter aristocrático dos autores antigos não é *despiciendo* lembrar da própria definição socioeconômica do termo “clássico” que nos chegou através de Aulo Gélcio (6, 13): “*Classici*” *dicebantur non omnes, qui in quinque classibus erant, sed primae tantum classis homines, qui centum et uiginti quinque milia aeris ampliusue censi erant. “Infra classem” autem appellabantur secundae classis ceterarumque omnium classium, qui minore summa aeris, quod supra dixi, censebantur. Hoc eo strictim notavi: quoniam in M. Catonis oratione, qua Voconiam legem suasit, quaeri solet, quid sit “classicus”, quid “infra classem”.*” Clássicos eram chamados não todos os que estavam entre as cinco classes de cidadãos, mas apenas os homens da primeira classe que tinham sido recenseados com cento e vinte cinco mil asses ou mais. 'Abaixo da classe', no entanto, eram chamados aqueles da segunda classe e de todas as demais, que eram recenseados com uma soma menor de asses, do que eu declarei acima. Anotei isso

ao falar de seu mestre Orbílio² –, transforma-se aqui em nosso acadêmico enobrecido por um esforço de uma educação linguística e literária aprimorada em quatro anos de graduação, aplicado a deslindar, em extensos e exigentes exercícios escolares, seus conhecimentos no vernáculo ao mesmo tempo em que descobre e se desdobra no aprendizado de um idioma da Antiguidade. Se esse nosso acadêmico não chega a alcançar a presunção de excelência de Cícero, o que podemos verificar nesses labores tradutórios é o útil penhor de uma profissão.

Vou me ocupar aqui de duas experiências tradutórias, com o propósito de assinalar alguns caminhos metodológicos vigentes em nosso meio, buscando uma crítica ou uma resenha tradutória que leve em conta os pressupostos teóricos aventados pelos próprios tradutores, sem deixar, é claro, de externar algumas questões teóricas neles (in)surgentes.

Uma vez que meu intuito é expositivo e quase panorâmico, escolhi duas traduções de textos poéticos – porque meu trabalho de tradução e crítica incide sobre o problema da tradução de poesia – de três diferentes “centros” de formação de classicistas do Brasil.

A tradução do texto sob teoria e história literárias

O meu primeiro exemplo é a dissertação de Alexandre P. Piccolo defendida em 2009, na UNICAMP, sob a orientação de Paulo Sérgio de Vasconcellos. O trabalho apresenta-se em duas partes sendo a primeira uma tradução de Horácio, *Epístolas*, livro 1, e a segunda um estudo intertextual entre Horácio e Homero, seguido de um importante anexo que apresenta a edição da tradução poética oitocentista de Antônio Luís de Seabra para o mesmo livro, com atualização do texto português e com notas que visam a esclarecimentos de vocábulos e torneios sintáticos da tradução.

Trata-se de um exemplo duplamente remarcável de trabalho de grau na área: 1) porque a abordagem dada à tradução corresponde a uma prática frequente entre nossos jovens latinistas; 2) porque alcança um resultado excelente naquilo a que se propõe.

Vejamos as palavras de Piccolo sobre a tradução:

Traduzir todo o conjunto das *Epístolas I* foi nosso primeiro objetivo, anterior mesmo ao início do curso de mestrado. Sem pretensões poéticas, com um texto correto, claro, e que tente contemplar sutilezas fônicas ou etimológicas do texto em latim, quer empregando certo ar coloquial notado no original, quer mantendo alguma sisudez do hexâmetro latino.

Propusemos uma tradução justalinear, mantendo sempre que possível a ‘proximidade’ do original, a fim de propiciar, a um só tempo, um fácil cotejar do texto latino e uma leitura minimamente fluente e, sempre que possível, agradável. “[...] Nossa tradução também não se dirige exclusivamente ao latinista ou ao especialista em Antiguidade; ao contrário, esperamos que possa ser lida por qualquer leitor interessado” (PICCOLO, 2009, p. 8).

Nessas palavras, identificamos a utilidade (necessidade) do texto de chegada, o público a que se destina a tradução e o *status* do tradutor no processo. É uma tradução que se presta ao cotejo com o texto de partida, “sem pretensões poéticas”, destinada a

sucintamente por causa disto: no discurso de Catão, em que ele defendeu a Lei Vocônia, costuma ser questionado o que seja ‘clássico’ e o que seja ‘abaixo da classe’” (tradução minha).

² Cf. Horácio, Ep. 2.1.69-71, falando de suas agruras no aprendizado a partir da epopeia de Lívio Andrônico: *non equidem insector delendaue carmina Livi/ esse reor, meminì quae plagosum mihi paruo/ Orbilium dictare; "nem igualmente ataco, ou julgo devam-se/ destruir os poemas de Lívio os quais lembro/ que Orbílio violento a mim quando pequeno/ ditava".*

um público mais amplo que o estritamente acadêmico, sendo o seu tradutor um estudante em defesa de seu mestrado.

É curioso como as contemporâneas teorias de tradução afetam tacitamente essa proposta. Walter Benjamin falando da má tradução de obras literárias critica aquela comunicabilidade do seu conteúdo, qualificando-a de “transmissão inexata de um conteúdo inessencial” (BENJAMIN, 2001, p. 191). Todavia trabalhos tradutórios como este demandam mais que *mea culpa*, um indulto: há necessidade de traduções comunicativas em nossa área. O acesso ao texto de partida é o que garante a seriedade do trabalho neste caso com as *Epístolas*, de Horácio. Como na medicina, é preciso de um corpo sobre o qual se possa desenvolver um específico conhecimento profissional. Descrever-lhe ou – em termos tradutórios – render-lhe o conteúdo em um tempo de pouco mais de dois anos tem sua legitimidade, ainda que se saiba o quão longe isso fica da alma e da vida que são relacionáveis àquele corpo e que podem ser recuperadas na sua interpretação.

Para Piccolo, a tradução comunicativa lhe garante desvendar a sofisticação dos diálogos e das alusões que Horácio faz de Homero (tarefa que ocupa mais da metade de sua dissertação de 458 páginas). Esse é um dado relevante: além de oferecer muito de Horácio em português, almeja-se revelar sutilezas interpretativas que a literatura romana faz do arcabouço poético grego. A tradução, assim, permitirá outro tanto de perscrutação sobre as relações intertextuais que são essenciais na poesia antiga e o conhecimento desses procedimentos, se se pensar na formação do profissional da área de latim, são fundamentais para um crítico literário da área.

Mas há algo de angustiante nessa transposição do sentido e na crítica literária que ela encerra. Há uma percepção de incompletude de um trabalho tradutório, talvez porque aquela autoridade que Cícero requer do tradutor não esteja completa. Dessa forma, entendo ser extremamente positiva a inclusão da tradução poética como aquela de Antônio Luís de Seabra no trabalho. Trata-se de uma busca de um autorizado gesto interpretativo que o tradutor aprendiz incorpora à sua interpretação do texto. Esse gesto alia também o trabalho de crítica do texto latino com a tradição portuguesa de recepção dos clássicos latinos e alardeia um dado relevante de filologia: não sou o primeiro na tradição lusófona e meu gesto tradutório se roborava com a reedição de um labor antigo. Eis a importância de conciliar Tradução e História da Tradução nesse processo de interpretação e aprendizado.

A tradução do texto por teoria e forma literárias

O meu segundo exemplo é a dissertação de João Paulo Matedi defendida em 2008, na Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação do Prof. Dr. Raimundo Carvalho. Esse trabalho apresenta uma tradução poética do primeiro livro das *Elegias* de Tibulo em português, oferecendo como conteúdos ancilares um percurso do gênero elegíaco e alguma fortuna crítica sobre traduções de Tibulo e sobre tradução poética. Neste exemplar, a tradução merece lugar central, não em número de páginas, mas no empenho em lidar com uma interpretação via tradução.

A tradução se erige claramente em resposta a uma tendência dos estudos clássicos brasileiros em direção à tradução poética de textos latinos que foi reinstituída, por assim dizer, a partir da publicação do *Livro de Catulo*, por João Angelo Oliva Neto (CATULO, 1996), que está prestes a completar 20 anos e que abriu caminho a toda uma série de trabalhos desses como de Matedi. Neste caso, a dissertação:

coloca-se, destarte, como um caminho de divulgação da poesia de um autor antigo, ao mesmo tempo em que objetiva tê-lo em circulação por meio de artifícios de “reinvenção”; em outras palavras, não se trata da reutilização estéril de um documento, mas de atender aos objetivos últimos de um texto dessa natureza, o que, acredito, há muito é ambicionado por razoável parcela de nossos círculos universitários (ou não) ligados à literatura. (MATEDI, 2008, 12-3)

Mais uma vez as reflexões de Benjamin sobre a tarefa do tradutor podem ser evocadas, agora não mais tacitamente. Tratando das traduções que buscam recobrar “o sentido”, Matedi afirma que, apesar de elas serem dignas de apreço, “a literatura é a língua enquanto objeto estético (lugar comum!), por conseguinte, a tradução de um poema, assim como sua composição, exige, antes de mais nada, um tratamento estético” (2008, p. 12).

Temos aqui um testemunho interessante de nossas práticas. O tradutor, apesar de ser um aprendiz, reveste-se da autoridade de poder responder esteticamente ao texto de partida em sua tradução. Trata-se de uma proposta que figura entre a timidez do primeiro ensaio acadêmico e a ousadia de produzir um texto poético. O desafio está lançado.

O tradutor se propõe a alcançar um método para “conservar muitos dos paralelismos, das anáforas, das relações estabelecidas, no original, entre os constituintes internos de um determinado poema e/ou entre os constituintes de uma elegia com os de outra(s)”, ou seja, ele procura uma certa fidelidade ao conteúdo expresso no texto de partida, ainda que trate esse conteúdo de forma estetizada em português através de uma forma fixa de metrificacão, vertendo o dístico elegíaco por um dodecassílabo seguido de um decassílabo, conforme a lição de Oliva Neto que, segundo ele próprio afirma, é devedora de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Interpreto que essa fidelidade tem um objetivo claro neste trabalho: trata-se de uma dissertação que é penhor profissional de um futuro professor de latim e, assim o sendo, há uma preocupação com render o que está dito em latim de modo também filológico. A tradução, ainda que almejando transmissão estética, deve conter a prova do conhecimento da língua de partida de seu tradutor. Assim a fidelidade é justificada:

Tais características foram buscadas na tradução, mas não de modo estéril, como se eu estivesse a serviço da “transmissão inexata de um conteúdo inessencial” (BENJAMIN, 2001, p. 191), pois, como já apontado, conquanto permaneçam, em inúmeros “ambientes”, “móveis rústicos”, procurou-se também “tirar o pó da mobília”.

Há nesse tipo de projeto uma tensão entre a tradução como meio e como fim. O tradutor, para alcançar seu objetivo, tem que se apropriar de uma *persona* de poeta, à semelhança do que Cícero objetivava, com a diferença de neste caso ter que lidar com a autoridade de uma banca e de toda uma tradição interpretativa que se coloca(rá) diante dele. A grande questão é se situar discursivamente em relação ao seu público (a banca de avaliadores, mas também aos leitores amadores) como poeta, mas não ter o lastro de reconhecimento de um Cícero, já que o tradutor se encontra em uma posição de aluno.

O trabalho resultante do labor útil de Matedi, embora consiga se desvencilhar *in limine* de uma suspeita em relação à mera reprodução de um conteúdo dito inessencial, carrega em si a angústia de pedir passagem para ingressar em uma História da Tradução em língua portuguesa.

Conclusão

Tentando responder à pergunta de meu título o que querem e o que podem os jovens tradutores de Latim do Brasil, eu diria que há uma busca por uma dignidade

profissional e pelo desejo de pertencimento a uma milenar tradição de leitura. Incluir-se no distinto rol de intérpretes da tradição clássica e conquistar a chancela de “sabedores de latim” são as simultâneas angústias e potencialidades de nossos jovens tradutores de Latim. Por mais diversas, e pretensamente excludentes, que sejam as abordagens possíveis de um texto literário antigo, esses ensaios acabam por resultar em um *labor* duplamente *utilis*, continuar com a voz e com os instrumentos deste nosso tempo um produtivo exercício de releitura dos textos clássicos e conseguir, através desse exercício, o reconhecimento e o desejável posto acadêmico que lhes permitam professar a língua e literatura latinas a que tanto se aplicam.

ABSTRACT: The teaching of ancient Latin, which, in Brazil, occurs exclusively in university education has the challenge to introduce students in a couple of years to the study of a difficult language system and to the reading of an ancient literature that remained with great influence throughout the centuries. The most usual way of learning this idiom is the practice of translation exercises and, almost always, a Latin-Portuguese translational project guarantees the continuity of study in Graduate levels. This didactic and pedagogic practice has resulted in several translating works from Latin and it has promoted the access of Lusophone community to a renewed Antiquity. In order to provide an overview of the practices of young translators, I will consider in this paper two Master's final degree works from different Brazilian institutions, trying to point out translation approaches that flourish in the work of Brazilian students.

Key words: teaching; translation studies; graduate; Brazil.

Referências bibliográficas

AULUS GELLIUS. *The Attic nights*. Trad. J. C. Rolfe. London: Harvard University Press, 1984. Vol. 1

BENJAMIN, W. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, W. (Org.) *Clássicos da teoria da tradução I*. Florianópolis: EDUFSC, 2001. p. 187-215.

CATULO. *O livro de Catulo*. Trad., intr. e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CÍCERO. *De optimo genere oratorum* Intr., trad. e notas de AUTOR, 2011.

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1982.

HORACE. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Trad. H. R. Fairclough. London: Harvard University Press, 1999.

MATEDI, J.P. Elegias de Tibulo (Liber Primus): tradução, introdução e notas. 2008. 167 ff. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Espírito Santo.

PICCOLO, A. P. *O Homero de Horácio: intertexto épico no livro I das Epístolas*. 2009. 458ff. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas-UEL.

Data de envio: 22-04-2016

Data de aprovação: 17-11-2016

Data de publicação: 17-03-2017